

Ofensas a militares aumentam apreensão

Parece inacreditável que um homem que tem os olhos voltados para a atualidade e ainda por cima desfruta a reputação de ser político habilidoso de repente negue o que dele se diz e profira uma das frases mais lamentáveis de que se tem notícia nos últimos tempos.

De fato, no momento que Ulysses Guimarães, gratuitamente, batizou de "três patetas" os ministros militares que enfiaram goela abaixo dos brasileiros, em 1969, uma Constituição autoritária, acentuou perante a opinião pública o sentimento de que estamos às vésperas de um confronto entre civis e militares.

Não se discute se o político disse a verdade a respeito dos três ministros militares. A História já os julgou. O que importa considerar é a conveniência de uma afirmação dessa natureza em momento tão delicado da vida nacional. Tancredo Neves teria feito a besteira? Jamais. Ao longo de toda uma carreira em que esteve sempre tateando o caminho da conciliação, entre os ensinamentos assimilados ele incluiu o de não fazer agressões gratuitas.

Mas Ulysses Guimarães, quem sabe empolgado pela notoriedade que está vivendo, preferiu não a conciliação, o apaziguamento. Ao invés de olhar para o futuro, escolheu voltar os olhos para o passado e partiu para a xingação desastrosa e acima de tudo desnecessária. Enfim, fez aquilo que no Sul se chama de uma "gauchada", uma brava, um desafio de machão tropical.

Ele talvez julgasse que os chefes militares iriam permanecer silenciosos e negar solidariedade a antigos companheiros. Mas o ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, reagiu à altura, protegendo a imagem dos três ministros, e ainda por cima "trucou" em cima de Ulysses, conforme se diz no jogo caipira.

De fato, em sua nota de protesto divulgada anteontem, o ministro do Exército praticamente desafiou Ulysses Guimarães a repetir a brava, quando afirmou: "Estou convicto de que o dr. Ulysses não repetiria hoje a lamentável frase que proferiu em momento de emoção mal administrada".

Pelo que se avaliou da atitude do multipresidente, tomada a seguir, ele enfiou a viola no saco e na certa procurará esquecer o assunto. Resta verificar o que sobrou de "rescaldo" do incidente perante os brasileiros perplexos e desanimados com a administração peemedebista.

Talvez nunca na história brasileira tenha ocorrido um governo que viajou do céu ao inferno com tanta velocidade. Há pouco mais de um ano, o País delirava com a ilusão do Plano Cruzado. A realidade que se seguiu é a presente: temos um governo que gasta mais do que arrecada, uma inflação jamais registrada anteriormente, e uma administração, enfim, que faz dimi-

nuir progressivamente a qualidade dos serviços públicos.

Somos os campeões mundiais de analfabetismo, de acidentes de trabalho e até de acidentes de trânsito. A miséria persiste, atingindo milhões de brasileiros, a mortalidade infantil está aumentando e a renda per capita, em contrapartida, vai diminuindo a cada ano.

A realidade é inquestionável: o governo peemedebista não deu certo. Para agravar, tem-se como fato político conturbador uma Assembleia Nacional Constituinte que se perde na análise de interesses particulares e deixa de oferecer ao País, com a rapidez que o presente exige, uma Constituição que ponha fim ao oceano de indefinições em que se transformou o cenário brasileiro.

Torna-se evidente, a cada dia, que os constituintes se preocupam muito mais com a situação particularizada de grupos econômicos e de classes do que com o País e o seu futuro. Não sai, de jeito nenhum, a Carta que todos anstamos. Prova disso é que, em quase dois meses de trabalho, os constituintes não aprovaram sequer um vigésimo do projeto de Constituição em apreciação. Mantido esse ritmo, não terminando a obra ao longo deste ano.

Pois bem, nesse panorama, é compreensível que a camada mais numerosa da população brasileira esteja a prever, como desfecho da presente crise política, o retorno dos militares ao poder. Até é possível que em muitos espíritos isso seja mais uma aspiração do que uma previsão.

A cada notícia ruim que chega ao grande público — e isso acontece todos os dias — se amplia o coro daqueles que nas ruas falam sobre o retorno das Forças Armadas à administração do País. Seria necessário, diante desse clima, que as lideranças políticas trabalhassem no sentido de apontar o contrário.

É nesse ambiente de desânimo e de pessimismo dos brasileiros que as atitudes dos políticos devem ser analisadas. Dias atrás, "pisando no tomate", como se fala em linguagem futebolística, o multipresidente Ulysses Guimarães refletiu as suas preocupações com a morosidade do trabalho constituinte e falou que a Constituição sairá até 21 de abril, nem que seja "na marra".

A expressão "na marra" equivale a dizer na porrada, na violência, que são os sinais característicos do arbítrio e ao mesmo tempo a negação da política. Agora, quando ainda não se dissolveu a perplexidade geral, vem o mesmo Ulysses Guimarães provocar as Forças Armadas com uma afirmação desnecessária e grosseira a respeito de três ministros que ainda hoje têm os seus seguidores.

A troca de chumbo que se seguiu, partindo de quem parte, só serve para escurecer os horizontes e justificar as apreensões dos brasileiros, quando prevêem, em número cada vez maior, a indesejada volta dos militares ao poder.

A.T.C.